



Porto Alegre/ RS
Vol.2
2014/02
Revista semestral

Escritos e Escritas

na EJA:

Produções acadêmicas do

Curso de Pedagogia da

UFRGS

DADOS DA REVISTA:

Organização: Aline Cunha, Cíntia Boll e Denise Comerlato

Capa: Kelly Bernardo Martinez

Diagramação e edição: Kelly Bernardo Martinez

Ano: 2014/2

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Escritos e Escritas na EJA : produções acadêmicas do Curso de Pedagogia da UFRGS /Aline Cunha, Cíntia Boll e Denise Comerlato, organização e revisão; Kelly Bernardo Martinez, revisão. Vol.2 (2014)-. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 2014–250p.

Semestral.

1. Educação – Periódicos. 2. Educação de jovens e adultos.3. Produção acadêmica. 4. Pesquisa. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bibliotecária: Andréa Regina Santos de Freitas CRB-10/1948

APRESENTAÇÃO DA REVISTA

Aline Cunha, Cíntia Boll e Denise Comerlato

**Professoras da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

As primeiras palavras, neste momento, são um convite. Estamos diante de mais um passo em nossa jornada de registros dos escritos e escritas de estudantes do sétimo semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os/as quais foram desafiados/as a registrar suas experiências e compartilhá-las com outros/as estudantes, docentes e demais educadores/as e educandos/as, que têm se inspirado no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos para seguir lutando pelo Direito à Educação.

Retomamos como ingrediente necessário a este convite de leitura, reflexões que têm acompanhado e fundamentado estes relatos, contidas em outras palavras, que também foram as primeiras, de algumas das principais obras de Paulo Freire. Consideramos que o destaque a tais escritos torna-se instigante por estarem encharcados de conceitos que têm sido inspiradores, os quais apresentam nosso compromisso com uma educação libertadora e uma práxis educativa que possibilite sonhos e mudanças.

Iniciamos com destaque às primeiras palavras da *Pedagogia da Esperança*, conceito que nos move a partilhar experiências, refletindo-as. Paulo Freire nos instiga ao afirmar que ser esperançoso não é mera “teimosia, mas imperativo existencial e histórico”¹. Temos defendido que a prática pedagógica, em turmas de Educação de Jovens e Adultos, objetiva a importante tarefa de possibilitar espaços para alegria e esperança. Há um imperativo de mudança em nossa sociedade, a qual, durante séculos, reservou a específicos grupos sociais, direitos que deveriam ser universais, dentre eles, o Direito à Educação. Por este motivo, quando refletimos sobre a alfabetização de adultos e o cotidiano da escola, apresentamos algumas alternativas que visam à aproximação dos/as educandos/as com a leitura e a escrita sem desconsiderar sua cotidianidade e os conhecimentos que os acompanham ao longo de suas

¹ (p. 5, 1997, versão on-line)

vivências. Consideramos, também, que “educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética”², a qual se “sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe”³ e nos move a compreender que “a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles”⁴, como salienta Paulo Freire na *Pedagogia da Autonomia*. Por isto, nestes relatos trazemos algumas das alternativas que encontramos para, além de respeitar os saberes dos educandos/as, tê-los como fundamentais para as propostas e atividades que compunham as semanas de estágio e a vida na escola. Por fim, cabe lembrar que a retomada das primeiras palavras de Freire, além de inspiração e fundamento, nos impõe desafios mobilizadores na práxis pedagógica, pois se ainda sonhamos com sociedades, cidades, escolas, onde vivenciemos a solidariedade, a democracia e a justiça, é oportuno recordar que “quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã”⁵.

Certamente, nestes escritos e escritas está uma parte pequena de todos os desafios que a Educação de Jovens e Adultos nos fez vivenciar, principalmente por expor realidades que ainda são desumanizadoras. Contudo, os destaques aqui feitos sugerem que o maior deles é o de compreender que os homens e mulheres, educandos e educandas, nos exigem que sejamos mais, no sentido político-pedagógico do termo, considerando o seu desejo ontológico de “ser-mais” por meio das múltiplas aprendizagens possíveis no ambiente escolar. Isto nos faz atentar para o currículo próprio da EJA, para os saberes populares e para o caráter político e emancipatório da educação, o que é ainda é uma novidade, diante dos modelos escolares que experienciamos nas últimas décadas.

Com estas reflexões e desejando que outras sejam possíveis... ótima e mobilizadora leitura a todos e todas!

Aline Cunha, Cíntia Boll e Denise Comerlato.

² (p. 9, 2002, versão on-line)

³ (p. 10, 2002, versão on-line)

⁴ (p. 10, 2002, versão on-line)

⁵ Trecho de “Canção Óbvia”, apresentada na *Pedagogia da Indignação* (2000).